Via Litterae
Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

Resenha

Review

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017. 118p. ISBN 978-85-444-1481-1.

Resenhado por ***Lélia Erbolato Melo****
**Universidade de São Paulo (USP)*

O tema do imaginário, além de ser fascinante para ser explorado, propõe pontos de reflexão para profissionais dos diferentes campos de estudo: educadores, linguistas, psicolinguistas, psicólogos, psicanalistas, fonoaudiólogos...

Neste sentido, o livro explicita e esclarece conceitos e/ou noções fundamentais do pensamento de Gilbert Durand e de sua teoria sobre o imaginário, apoiado nos textos básicos sobre Mircea Eliade, Henri Corbin e, particularmente, de Edgard Morin. A autora, Danielle Perin Rocha Pitta, nascida na França, e vivendo atualmente no Brasil, desde cedo, vem desenvolvendo seu trabalho em antropologia, e foi aluna do professor Gilbert Durand, que lhe forneceu subsídios para enveredar por este caminho.

O livro está organizado em Prefácio, Livro 1 e Livro 2, Referências e Sobre a Autora. O Prefácio é de autoria de Alberto Filipe Araújo (Universidade do Minho – Portugal). O Livro 1 *"O que é o Imaginário*" compreende 16 subitens. O Livro 2, intitulado "*Os Pais Fundadores da Noção de Imaginário*", compreende treze itens específicos, uma bibliografia seletiva e referências.

O estudo da obra *"Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*" tem três orientações básicas: (1) A procura de uma terceira via entre estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e a hermenêutica de Paul Ricoeur; (2) A fundação de uma nova antropologia do imaginário, cuja base assenta em dois regimes do imaginário (o diurno e o noturno) e três

estruturas (a heroica, a sintética e a mística); (3) O imaginário que dá conta da totalidade do universo humano em sua relação com o cosmos e o meio-ambiente em geral.

No Livro 1 – *O que é imaginário*, Pitta tem como meta descrever as noções fundamentais do pensamento de Gilbert Durand, ou melhor, do "novo espírito antropológico": o dever de imaginar; quando e como surgiu, no ocidente, o estudo do imaginário; o imaginário: essência do espírito; do símbolo ao simbólico do imaginário; a organização dos símbolos; como se forma o imaginário de uma dada cultura; a organização dos símbolos; regimes das imagens e as estruturas do imaginário; a divisão dos símbolos; a estrutura heroica do imaginário; as funções da imaginação simbólica; os métodos do imaginário.

A intenção da autora é apresentar uma visão específica do antropólogo Gilbert Durand (discípulo de Bachelard) sobre a noção de Imaginário, em seus trabalhos, "Estruturas Antropológicas do Imaginário" e "Imaginação Simbólica". A retrospectiva das origens do estudo sistemático e interdisciplinar do surgimento do Imaginário no ocidente começa com o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), em Genebra, por ocasião da publicação dos *Cahiers Internationaux de Symbolisme* (a partir de 1962). Entre os méritos de Bachelard é ter mostrado "que o imaginário, muito longe de ser a expressão de uma fantasia delirante, se desenvolve em torno de alguns grandes temas, algumas grandes imagens que constituem para o ser humano os núcleos em torno dos quais as outras imagens convergem e se organizam". O Imaginário pode ser considerado como **essência do espírito** (p. 20).

Para abordar a "convergência" dos símbolos, é preciso definir os principais termos utilizados em sua construção teórica: scheme; arquétipo; símbolo; mito" (p. 22-23). O **scheme** é anterior à imagem, e corresponde à junção entre os gestos inconscientes e as representações. O **arquétipo** é a representação dos schemes. Ele constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. O **símbolo** "é todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido [...]". Eles são visíveis nos rituais, nos mitos, na literatura, nas artes plásticas (p. 23). O **mito** "é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schemes que tende a se compor em relato", ou seja, que se apresenta sob forma de história. São os schemes, arquétipos símbolos e mitos que vão, a partir da sua organização, feita exclusivamente, por uma cultura dada, orientar a vivência cotidiana de uma cultura" (p. 24).

As imagens se organizam em torno de um "núcleo" e formam **constelações,** convergindo a um só tempo em torno de imagens de gestos, de schemes, e de objetos privilegiados pela sensibilidade. Neste sentido, o objetivo de Durand era o de estabelecer uma relação de imagens colhidas em culturas diversas, com o objetivo de organizar o material do "trajeto arqueológico" (p. 25).

Durand volta também sua atenção para a estrutura heroica do imaginário (p. 30-32). Esta estrutura representa "uma vitória sobre o destino e a morte. Ela corresponde a três grandes constelações de imagens: a) para Bachelar, os símbolos de ascensão (elevação), que nos levam para a luz e para o alto"; b) os símbolos espetaculares são relativos à visão; c) os símbolos da divisão (ou diairéticos), ou da separação entre o bem e o mal.

Quanto à estrutura mística do imaginário, a palavra mística deve ser entendida em seu sentido mais comum, como "construção de uma harmonia". Trata-se de quietude e gozo. "Para atingir tal objetivo, o procedimento é de eufemização e inversão dos significados simbólicos" Símbolos de inversão são: eufemismo, cuja linguagem é obrigatoriamente ambígua; encaixamento e redobramento; hino à noite; mater e matéria. Os símbolos da intimidade compreendem: o túmulo e o repouso; a moradia e a taça; alimentos e substâncias; estrutura mística do imaginário (p. 32-35).

Sobre a estrutura sintética do imaginário: aqui, trata-se do movimento cíclico e da tendência ascendente do progresso. No entanto, para assegurar o ciclo da vida são necessários rituais e sacrifícios.

Nos símbolos cíclicos, o tempo cíclico não tem começo nem fim, uma vez que são as fases (uma ascendente e outra descendente) do círculo que o formam. "Deste modo, a morte não é mais fim, mas **recomeço, renascimento"** (p. 35). Enfim: a estrutura sintética do imaginário, ou harmoniza os contrários, mantém entre eles uma dialética, salvaguardando as distinções e oposições, ou propõe um caminhar histórico e progressista (p. 37).

Sobre as **funções da imaginação simbólica**, Durand destaca quatro setores referentes à reequilibração.

O primeiro setor diz respeito ao plano biológico: é o equilíbrio vital. Essa eufemização é feita através das estruturas do imaginário.

O segundo setor é fator de equilíbrio psicossocial – permite ao indivíduo estabelecer a síntese entre as suas pulsões individuais e aquelas do meio em que vive.

A **reequilibração social** é aquela que ocorre de uma geração para outra, cada "geração de 36 anos", se opondo à precedente ("uma pedagogia expulsa a outra"). Trata-se do equilíbrio sócio-histórico de uma sociedade.

Quanto ao **equilíbrio antropológico**: os atuais meios de comunicação permitem "um real ecumenismo. O conhecimento, muitas vezes através das artes, de outras maneiras de organizar o mundo.

Finalmente, a imaginação simbólica tem uma função transcendental, ou seja, ela permite ir além do mundo material objetivo e criar o que Bachelard chamava de um "suplemento de alma".

Sobre os **métodos do imaginário**, uma das grandes qualidades da teoria durandiana, é, sem dúvida, a de ter chegado a vários instrumentos metodológicos adaptáveis aos mais diversos objetos de estudo (p. 39-40).

Permitindo ao indivíduo transformar arquétipos universais em símbolos situados numa vivência individual e coletiva específica, ele se torna uma preciosa fonte de dados para a análise comparada de culturas.

Três aspectos da teoria podem ser destacados. Um aspecto diz respeito à formação do trajeto antropológico: deve-se ter em mente que é o contexto sociológico que modela os arquétipos e os símbolos. Os schemes, na base da dimensão cultural, orientam a ação, mas as imagens concretas presentes nas artes, nas mitologias, nos relatos diversos (orais ou escritos), adquirem contornos específicos em relação ao contexto (meio ambiente) social.

Não se trata de uma teoria determinista. O fato de o imaginário ter regras não implica, longe disto, em relações causais. Ao contrário, pelo seu poder de criação, a cada instante, **imaginar é um ato de liberdade**.

O imaginário diz respeito a todas as ciências. Primeiro às ciências humanas: implica para o Ocidente, em uma **nova pedagogia** (um modo de ensino não mais centrado unicamente na razão); em **outra visão da história** já que ela se coloca dentro do trajeto antropológico; em **outras dimensões da economia** o que mostra não ser somente resultante de um cálculo racional; em **outra abordagem da geografia**.

Enfim, no contexto desta teoria, "imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja através das artes, através das ciências, ou através dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano" (p. 40).

O **Livro 2** é dedicado aos "pais fundadores da noção de imaginário", como: Gaston Bachelard (1884-19620); Mircea Eliade (1907-1986); Henry Corbin (1903- 1978); Egard Morin (1921-), que influenciaram decisivamente o pensamento do próprio Gilbert Durand.

Gaston Bachelard (1884-1962)

Os trabalhos metodológicos sobre o imaginário foram marcados pela figura do filósofo Gaston Bachelard.

A partir de 1935, Bachelard iniciou pesquisas sobre os processos da imaginação criadora que se completaram nas cinco obras consagradas aos elementos primeiros da natureza (ao fogo, ao ar, à água e dois à terra), a estudos temáticos (*Poética do espaço*), teóricos (*A poética do devaneio*) e a numerosos ensaios.

Bachelard adquiriu muito cedo a convicção de que as imagens formam a instância imediata e universal do psiquismo; o conceito sendo sempre segundo, pois construído a partir de uma oposição às imagens. Mas não há imagens sem imaginação, sem um processo que as inicie, as anime, as deforme, criando sempre imagens novas.

Para ele, as imagens apresentam uma grande variedade, segundo seu nível de formação e de expressão. *As imagens mais primitivas são fundamentalmente inconscientes, escondidas nas profundezas noturnas do psiquismo. As "imagens naturais" vêm da natureza e da nossa natureza e se desdobram ao longo de uma linha que vai do devaneio à contemplação e à representação propriamente dita (p. 45).

Enfim: a tipologia das imagens dá espaço a numerosas outras imagens: imagens intermediárias, medianas entre inconsciente e imagem literária; imagens inseridas em relatos, como nos mitos, nos contos e nas lendas; imagens sobrecarregadas intelectualmente, no caso de alegorias, dos símbolos, dos clichês etc.; falsas imagens que são apenas conceitos imagéticos e não imagens ativas.

Mircea Eliade (1907-1986)

Mircea Eliade é, sem dúvida, o melhor intérprete de Jung no campo da história das religiões. Jung teria orientado suas pesquisas segundo quatro eixos: 1) o estudo clínico de seus pacientes; 2) o estudo da história do pensamento ocidental; 3) o estudo do corpus mitológico das grandes civilizações, das vias de sabedoria e das formas de espiritualidade; 4) o estudo dos fenômenos ditos ocultos e paranormais.

O estatuto da imagem em Eliade decorre, como Malraux dizia da arte, "moeda do absoluto". Quanto ao mito heroico, ele tem um estatuto particular, privilegiado, na obra de Eliade. O estatuto da imagem em Eliade decorre, como Malraux dizia

Henry Corbin (1903-1978)

Filósofo, tradutor de Heidegger, na França, Henry Corbin marcou seu tempo por sua carreira de orientalista e iranólogo e seus trabalhos sobre a noção de imaginação criadora.

As noções essenciais de seu pensamento convergem em torno de dois eixos. "A religião, para ele, é antes de tudo uma questão de experiência interior, em relação a uma meta-história, que transcende a história circunstancial" (p. 63). A originalidade da obra de Corbin é a colocação em evidência da visão mística. Esta visão tem três características

essenciais: (a) ela escapa ao tempo "banal" e linear do cotidiano; (b) ela é "interface", mediação; (c) ela é ativa, criadora e eficaz (p. 64-66).

Edgard Morin (1921-)

Edgard Morin "é, sem dúvida, um dos promotores mais interessantes de uma problemática do imaginário... Toda a sua obra é uma colocação em evidência das noções de complexidade e de relação... O conjunto dos trabalhos de Edgard Morin é tão importante que funda e inscreve a problemática do imaginário em uma reflexão mais geral sobre os dinamismos organizadores do ser vivente..." (p. 68). "Para Morin, a imagem só é interessante como símbolo, *symbolon*, quer dizer, etimologicamente como relação, pois as estruturas do cosmos, do ser vivo, estão nessa relação" (p.69). "A imagem, para Morin, é ligada à não razão e à razão, à desordem e à ordem, e é porque ela está no limite desses dois mundos que ela é realmente o motor de nossa psique... no qual se organizam e se desorganizam as constituintes de nosso imaginário" (p. 72).

Sem dúvida, conforme H. Godinho, o destaque neste livro para **Gilbert Durand** é quando ele chegava à maturidade de sua obra, a psicanálise trazia novas e importantes luzes sobre a imaginação humana, e a psicologia, com as noções de arquétipos e de inconsciente coletivo, abria novas possibilidades a uma organização classificatória do imaginário humano. Durand recorre, então, a uma perspectiva antropológica globalizante: a antropologia concebida como o "conjunto de ciências que estudam a espécie *"homo sapiens"*.

Vemos nesta longa citação que o esforço classificador de Gilbert Durand é realmente globalizante no sentido de que ele faz nascer o imaginário na confluência do subjetivo e do objetivo, do mundo pessoal e do mundo cósmico ambiente.

Para conseguir apreender este trajeto antropológico, ele parte dos três reflexos dominantes (de posição, de nutrição e copulativo), a fim de sistematizar "esta gênese recíproca do gesto e do meio ambiente, cujo símbolo é o foco". Estes três reflexos dominantes (de posição, de nutrição e copulativo) se prolongam em schemes. Um scheme "é uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, ele constitui facultatividade e não a substantividade geral do imaginário" (p. 82).

Em *As estruturas antropológicas do imaginário*, Gilbert Durand considerava dois regimes, o diurno e o noturno. O regime diurno corresponde às imagens provocadas a partir da dominante postural e de seus schemes, e o regime noturno às imagens provocadas pela dominante da nutrição e seus schemes, também como pela dominante copulativa e seu scheme cíclico.

Apesar de certa autonomia na concepção da primeira e da segunda parte, a leitura desta obra proporciona um olhar instigante sobre o tema do imaginário. A narrativa não linear da autora sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand, por sua vez, mescla temporalidades distintas, fazendo com que o tempo seja o grande tema desse livro.

No término deste percurso introdutório na obra de Danielle Pitta sobre "O que é imaginário" **(Livro 1**) e "Aos pais fundadores da noção de imaginário" **(Livro 2)**, o destaque, sem dúvida, é para a maneira pela qual Gilbet Durand renovou e abriu caminhos, trazendo novas e importantes luzes sobre a imaginação humana.

Referências

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire.* Paris: Dunod, 1960/1992.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário.* Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LÉLIA ERBOLATO MELO
Doutora em Linguística pela Universidade Paris IV - Sorbonne. Livre Docente em Psicolinguística (USP), e professora do Departamento de Linguística, da Universidade de São Paulo (USP). CV: <http://lattes.cnpq.br/1916534592445349>. E-mail: leliaerbolato@hotmail.com.